

The background of the cover is a light orange color with faint, stylized line drawings of archaeological site plans. These plans show various building footprints, walls, and courtyards, typical of ancient Roman or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a wall, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

TRÊS BARRIS NUM CAMPO DE LAMA: DADOS PRELIMINARES PARA O ESTUDO DA VITIVINICULTURA NA CIDADE DE AVEIRO NO PERÍODO MODERNO

Diana Cunha¹, Susana Temudo², Pedro Pereira³

RESUMO

A descoberta de vestígios arqueológicos associados a uma produção vitivinícola do período Moderno, no âmbito de uma intervenção de salvaguarda, realizada na cidade de Aveiro, permite-nos inscrevê-la na história da viticultura. Estudos em que o discurso arqueológico assume-se insuficiente, sobretudo a partir do período medieval e que com a intervenção realizada em 2021, numa parcela urbana da rua do Gravito, possibilita a exposição de realidades ancestrais associadas ao cultivo da vinha, as quais, neste caso em particular, sobrevivem desde o período medieval. Um espaço atualmente urbano que em tempos correspondeu às terras de lavradio referidas no foral manuelino (1514) como zona de produção de vinho. Uma paisagem marcada pelo parcelário rural disposto ao longo do principal eixo viário de saída para Norte.

Palavras-chave: Aveiro; Vitivinicultura; História; Período moderno; Medieval.

ABSTRACT

The discovery of archaeological remains associated with wine production from the Modern period, during a preventive archaeological intervention carried out in the city of Aveiro, allows us to provide further insight on the history of viti-viniculture for the area and period. From the medieval period forward there is little information on this theme from archaeological sources. The intervention carried out in 2021, on an urban plot in Gravito Street, allows for the description of ancestral realities associated with the vine cultivation. In this particular case, the practice has existed since medieval times. A currently urban lot, once corresponded to the lands of tillage, referred to as the fields of vine production on Manuel I *Foral* (1514). A landscape marked by rural parcels, arranged along the main road on the way-out to the north.

Keywords: Aveiro; Viti-viniculture; History; Modern period; Medieval.

1. ENQUADRAMENTO

Os dados apresentados provêm de um contexto arqueológico decorrente de uma intervenção de salvaguarda patrimonial no âmbito da remodelação dos edifícios n.º 71-73 e 75⁴ da rua do Gravito, em

Aveiro, realizada pela Zephyros, Arqueologia Lda entre junho e dezembro de 2021. As medidas de minimização justificaram-se pela localização dos edifícios na zona de proteção do Convento do Carmo e seu recheio (Imóvel de Interesse Público, Dec.-Lei n.º 45 469, DG, Iª série, n.º 303 de 27.12.1963;

1. Arqueóloga / cunhadia@gmail.com

2. Arqueóloga / susanathemudo@gmail.com

3. Arqueólogo. Investigador do CITCEM / pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

4. O projeto teve como objetivo a construção de um prédio novo, potenciado pela junção das duas parcelas, o que acarretou a demolição da habitação unifamiliar existente no n.º 73 e a desconstrução parcial do edifício da parcela n.º 75 (conservando-se somente a fachada orientada para a rua do Gravito). Um edifício de três pisos, construído no séc. XIX e que assentou parcialmente sobre as estruturas do séc. XVII-XVIII.

ZEP, portaria n.º 481/2014, DR, 2ª série, n.º 118 de 23.06.2014) e por integrar o zoneamento do Centro Histórico de Aveiro, classificado como área de sensibilidade arqueológica (art.º 24º do PDM).

Os trabalhos incidiram sobre uma área de cerca de 330 m² (Figura 1), inicialmente na figura de sondagens arqueológicas prévias de diagnóstico, cujos resultados levaram à decisão da escavação integral da área afetada pelo projeto, até à cota do solo geológico (entre 1,20 m a 2 m de profundidade a partir da cota atual de circulação).

O processo de escavação em área, ainda que prévio ao início dos trabalhos de construção civil, foi faseado. As características e condicionantes do terreno, conjugadas com as especificações do projeto, as quais incluíram a demolição de algumas das construções existentes no espaço (garagem, edificado da parcela n.º 71-73 e anexos), impuseram a escavação por partes, impedindo a visualização integral da área escavada e impossibilitando a sua leitura contínua, permitindo apenas uma visão truncada em determinados momentos, mas, de conjunto final.

Durante o processo de escavação foram identificadas diversas estruturas e depósitos representativos de diferentes temporalidades históricas, nomeadamente contextos associados ao cultivo da vinha, nos quais se recolheram amostras de sedimentos em diversos pontos e para futuras análises analíticas. Todas as evidências arqueológicas foram alvo de afetação total por parte do projeto de construção, com exceção de uma, de cronologia Moderna, escavada no solo geológico e identificada no limite SE da parcela n.º 71-73 e de conexão direta à rua do Gravito.

Este artigo apresenta uma primeira análise à informação obtida, cujas cronologias resultam da caracterização dos contextos e espólio arqueológico associado, pelo que serão sempre suscetíveis de reinterpretção após estudos mais aprofundados.

2. O SÍTIO NA HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO DE AVEIRO

A rua do Gravito localiza-se na zona da Beira Mar. Um vasto território que abrangia o núcleo urbano da Vila Nova, a área das marinhas, as praias e as grandes quintas de vinhas e searas (Curado, 2019: 58) (Figura 2). Uma área fora do antigo perímetro do burgo medieval, disposto a norte do canal central que divide a cidade e descrito na documentação quinhen-

tista, como sendo o lugar dos “campos, o modo de vida tradicional e rural”, somente separado da vila com a construção da muralha no século XV (Silva, 1997: 25). Um espaço certamente correspondente às terras arroteadas no tempo de D. Dinis e que impulsionaram o povoamento para fora do burgo, num evidente aproveitamento e ocupação dos solos, justificado pela crescente afirmação da povoação e da necessidade implícita de conquista de novas terras de cultivo (Arroteia, 2015: 23). Terras ligeiramente sobrelevadas e afastadas das águas salgadas da ria, ainda que diretamente atingidas pelos ventos marítimos, tão característicos desta cidade costeira e que se posicionaram no arrabalde constante a nascente da igreja de Vera Cruz, no seguimento do caminho que seguia para o lugar de Sá, terra de agricultores. Um eixo viário cuja edificação ter-se-á consolidado ao longo da época Moderna (Figura 3), posto que até então seria uma paisagem marcada pelos terrenos agrícolas, intercalados por algumas construções modestas, a julgar pelas referências a casais de lavradio, as designadas granjas, constantes na documentação quinhentista e por isso, denominada como «terra de lavradores e proprietários» (Curado, 2019: 46). Uma paisagem cujas últimas casas da vila correspondiam às dependências do Convento do Carmo, constando entre elas tabernas onde a venda de vinho era abundante (Curado, 2019: 47).

A instalação de casas religiosas a partir do século XVII, como é o caso do Convento do Carmo (1620) e do Convento de Madre de Deus ou de Sá (1644), hoje perfeitamente inseridas na malha urbana citadina, consequência do crescimento da urbe durante o século XIX e que impulsionou a densificação das parcelas na rua, pois não esqueçamos que estas congregações de ordem mendicante foram, a partir do Concílio de Trento (1543-1565), maioritariamente de implantação periurbana. Lugares ligeiramente afastados dos centros urbanos e que no caso aqui em discussão, correspondem aos antigos campos dispostos ao longo do caminho que seguia para em direção à vila de Esgueira. Uma das vias mais antigas, que não só definiu a ligação entre as duas povoações, como foi estruturante na organização da malha urbana que hoje se compõe pelas ruas do Gravito, do Carmo e de Sá, ainda que Sá, no passado, correspondesse a um pequeno lugarejo suburbano, pertencente a Ílhavo, mas local onde se encontrava a importante Confraria de Pescadores e Mareantes de Santa Maria de

Sá, fundada no século XIII⁵ e à qual está associada a Capela da Nossa Senhora da Alegria, igualmente no alinhamento da atual rua de Sá, no seguimento da rua do Gravito. Este foi um eixo onde se fixaram, ao longo dos séculos XVI e XVII, casas imponentes, com destaque para as constituídas pelos vãos e portais trabalhados em cantaria de pedra calcária e escadarias encimadas por coruchéus sustentados por colunas de ordem dórica.

A partir do século XV são conhecidas diversas referências a esta zona como espaço de cultivo (Madahil, 1959; Gomes, 1875, 1899; Quadros, 1911-1916), sendo inclusive mencionado a cultura de cereais e vinha, ocupando os vinhedos uma área considerável (Silva, 1997:88).

Pelas cartas de aforamento e testamentárias conhecidas (Madahil, 1959), sabemos que os campos de lavradio, nomeadamente as vinhas, se encontravam em torno do núcleo urbano, junto dos caminhos que seguiam para Esgueira e Aradas, ainda que existam referências à sua existência dentro do burgo. Porém, sobre a atividade vitivinícola pouco se sabe, pois as informações são parcas e generalistas, favorecendo interpretações conjecturais.

Das cartas de concessões do século XII do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra aos arrendatários de Aveiro que plantassem vinha, as terras eram-lhes aforadas por 1/7 da sua produção (Madahil, 1959: 39). Pelo foral de Ílhavo de 1514, sabemos que por cada carga de « [...] *besta cavalgar ou muar hu Real de seis ceptis o Real e por carga menor que e de asno meio Real; e por costal e que hum homem pode trazer as costas dous ceitis; e dy pera baixo quallquer cantidade em que se venderem se paguara hum çeptill; e outro tamto se paguara quando se tirar pera fora porem quem das dictas cousas [...]* » (Madahil, 1938:188), nada acrescentando ao assunto o foral de Aveiro de 1515, referindo somente, que a 15 de agosto, deveriam os oficiais da câmara reunir com todos os que possuíam vinhas de modo a acertarem qual o dia do início das vindimas, ditando ainda « [...] *quamto ao custume de nam Vydimarem senam em Sam Cibrão nam avemos por bõ por que nam Sam Smpre os temporais tam certos que a Vindima se possa Começar Sempre em tal dia. [...]* » (Madahil, 1935:90).

5. Sobre este assunto ver NEVES, Francisco “A confraria dos pescadores e mareantes de Aveiro (1200-1855), Aveiro, 1973.

Das informações paroquiais de Ílhavo de 1721 retira-se que:

«[...] *os frutos da terra que os moradores recolhem em mayor abundancia, são, milho, trigo, vinho; o que se infere de recolherem os Rendeiros dos dizimos huns annos por outros de milho oito mil alqueyres, trigo dois mil e quinhentos alqueyres, vinho quinhentos ai mudes, que repartem com os Rendeiros da tersa do Cabido, e Quartas-Novas da Patriarchal. [...]* » (Madahil, 1937:42).

A tributação ao vinho era usual e uma das fontes de rendimento da coroa e embora pouco se saiba sobre a quantidade produzida, certo é que não existem referências à sua falta como acontece em relação aos cereais. Seria abundante ao ponto de ser comercializável, a julgar pelos incentivos à cultura de bacelos, ainda que nas cortes de 1417, os moradores alegassem que não se mantinham a «*a pam e vinho*» (Silva, 1997: 89). À produção vinícola, a partir de 1756, foi lançado um imposto real extra sobre cada quartilho de vinho atavernado, não só na vila como em toda a provedoria de Aveiro. Dinheiros destinados aos trabalhos de desassoreamento da barra (Amorim, 1996:569) e a outras obras de utilidade pública, pelas quais a casa da câmara cobrava em forma de sisa por cada almude ou pipa de vinho (Madahil, 1959: 283-292).

A produção de vinho durante o século XVIII seria notável, havendo uma forte vigilância sobre o vinho e sua comercialização, sendo um dos bens mais comercializáveis. De acordo com os livros de registos das mercadorias que circulavam pelo Consulado de Aveiro, o vinho surge a par com a sardinha, o limão, o azeite e a aguardente, ainda que uma parte da sua receita não era incluída nos registos por se encontrar isenta (sempre que seguia para portos nacionais, baldeação ou quando acompanhados de guias de fianças) (Amorim, 1996: 588-589). Ainda assim, de acordo com a tabela de taxas aplicada no ano de 1780, sabemos que tanto o vinho tinto como a aguardente pagava 200 réis por cada almude⁶. Valor rela-

6. Embora estas medidas sejam mutáveis ao longo dos tempos, um almude de vinho seria nos dias de hoje, o equivalente a sensivelmente 16,8 litros. Seabra Lopes, L. (2000) «Medidas Portuguesas de Capacidade: duas Tradições Metrológicas em Confronto Durante a Idade Média», Revista Portuguesa de História, 34, p. 535-632.

tivamente baixo quando comparado com o azeite, ao qual lhe era cobrado uma taxa de 2% por cada 800 réis o alqueire (Amorim, 1996:589).

Entre 1776 e 1781 o vinho ocupava lugar de destaque na vida comercial e encontrava-se monopolizado por particulares como Vicente Pedrossem Silva, ilustre empresário da cidade do Porto e o qual detinha ao seu encargo «[...] mandar vender exclusiva e privativamente os vinhos em toda esta cidade que forem necessários para o consumo dela no últimos seis meses de cada um dos ditos anos, ficando nos primeiros seis dos mesmos permitida toda a liberdade para a vendagem dos vinhos de negócio e de lavra como até agora havia em todo o ano[...]». Situação que se tornou recorrente, sendo os rendeiros do Porto os principais comerciantes, com destaque para Pedrossem da Silva, diretor da Companhia Geral de Vinhos do Alto Douro, e o qual encontrou em Aveiro um mercado favorável aos vinhos do Douro (Amorim, 1996:214).

O cultivo da vinha não seria muito diferente do constante nos tratados de agricultura, aplicados desde o período medieval, conforme sugerem as ferramentas listadas numa carta de aforamento de uma granja, feito pelo Mosteiro de S.João de Tarouca, em 1293, ao raçoeiro da igreja de S. Miguel, Pedro Domingues, e no qual é dito que dispunha de mós, cubas, caldeiras e trados (Madahil, 1959: 91), e que permaneceram até à atualidade.

Inês Amorim (1996:213-214) menciona que as vinhas seriam em enforcado ou em latada, apresentando cepas baixas, geometricamente paralelas, como as da Bairrada, exemplo, designado em 1747, como modelo a seguir; havendo ainda a referência de que as vinhas plantadas nos solos argilosos seriam mais indicadas para produzir “bom vinho” (Santos, 1963:456). No tombo de 1749 do Mosteiro de Jesus de Aveiro é referido que as freiras deveriam “cultivar bacelos”, os quais dariam rendimento passado seis a sete anos e que deveriam contratar moços da Bairrada, de Bolhe (onde tinham propriedades) «*para escavá-las, “espaldrá-las”, podá-las e até-las*», sendo igualmente importante separar o vinho de venda do de consumo e delineada a produção:

«[...] louça aparelhada, funil, 4 ou 5 cântaros para transportar os tonéis; em cada tonel, sua mecha de conserva e 3 canadas de água-ardente, ou estando o tonel cheio, juntar tijela cheia de sal (...) aos dois primeiros toneis se junta, estando quase cheios,

duas caldeiras de mosto, estando sem ferver, pois este o faz cozer (...)» (Santos, 1963:649 e ss), ou poderiam seguir a técnica da Quinta da Ouca (Vagos), igualmente propriedade do Mosteiro.

No que concerne aos utilitários destinados à viticultura, pela listagem dos comerciantes que integravam a Feira de Março⁷, no período Moderno, vendiam-se aduelas, arcos bastardos, arcos de pipas, madeiras de castanho (casca menor e grossa) e madeira de castanho ripado (Amorim, 1996: 637). Itens que sugerem a existência de atividades em torno da viticultura.

Sobre a propriedade dos vinhedos pouco se sabe, mas rapidamente se conjectura que pertenceriam a particulares, ao cabido ou às casas monásticas. O mosteiro de Lorvão e de Santa Cruz de Coimbra surgem como proprietários, tal como o Convento de Santa Maria de Sá, tanto que este último, até à pouco tempo ainda apadrinhava o quarteirão onde hoje se posiciona o quartel militar edificado no século XIX, denominado pelo sítio das antigas “hortas e vinhedos de Sá”.

3. OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

A intervenção arqueológica permitiu documentar uma sequência estratigráfica que assegura a utilização destas parcelas desde os séculos XIII/XIV até ao século XXI, permitindo compreender a sua evolução tanto ao nível parcelar como ao nível do enquadramento geral do quarteirão em que se inserem. Todavia, no âmbito deste texto, iremos centrar-nos no período Moderno.

Em consonância com as referências documentais, a primeira ocupação remonta ao período medieval e diz respeito às cavidades de plantação (Figura 4 e 5). Fossas escavadas no solo geológico, dispostas de modo regular no espaço e com uma orientação O-E, de formato oblongo ou retangular e com várias dimensões, ultrapassando os limites das parcelas e atestando assim a existência de uma grande extensão de cultivo.

Os primeiros momentos da plantação de vinha no território de Aveiro são-nos, infelizmente, desco-

7. A Feira de Março foi instaurada em 1434 por D. Duarte. Sobre este assunto ver Martins, Júlio de Sousa (1988) – *A Feira de Março ao longo dos tempos*, Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro.

nhecidos. No entanto, de acordo com os preceitos dos tratados de agricultura clássicos de Columela (*De Agricola*), Paládio (Tratado de Agricultura) ou Plínio (História Natural), que chegaram aos nossos dias e seguidos até há muito pouco tempo e particularmente durante a Idade Média, definem a preparação do solo para a plantação de vinha de três formas: *scrobes* (abertura de fossas para vinhas isoladas, também chamados no vernáculo popular de “covas”, sobretudo em territórios com solos com menor densidade de terra arável, onde o solo geológico está mais próximo do solo de circulação), *sulci* (abertura de fossas oblongas, em trincheira, de forma a também ter a área pronta para realizar a técnica de “mergulha”) e *pastinatio* (a preparação em toda a área do solo para a plantação) (Pereira, 2017). No caso em questão, é possível que a técnica de limpeza e preparação do solo em toda a área de plantação, *pastinatio*, tenha sido feita, embora haja poucos dados para suportar esta hipótese. No entanto, a utilização de fossas e caixões é evidente. Columela (R.R. III, 13, 4. Op cit. Pereira, 2017) refere a necessidade de realizar as fossas até seis pés de profundidade, cerca de 178 cm, deixando a mesma distância entre as linhas criadas pelo seu alinhamento. Este tipo de plantação continua a ser citado ao longo dos séculos (Serres, 1600: 244-245, 252-254), ainda que com variações, sempre necessárias para a adaptação das técnicas vitivinícolas aos diversos terrenos e diferentes castas. São diversas as observações deste tipo de plantação em todo o mundo mediterrânico até quase à atualidade. É exemplo o referido pelo Visconde de Villamaior, quando distingue três formas de plantar a vinha:

«[...] à barra, que também se denomina *agullha*, *travella* ou *plantador*; em *covatos* ou covas; e à *elfa* ou em *valleira*. – Os dois primeiros são mais adequados à plantação em quadrado ou em quincunce, e o último à plantação em fileiras. [...] Consiste elle na abertura de valleiras ao longo das linhaça previamente traçadas para fazer a plantação em fileiras. Em terreno regular devem estas valleiras ter a largura media de 70 centímetros, e uma profundidade de 50 centímetros, ou pouco mais.» (1875: 151-154).

O autor refere ainda que este é o tipo de plantação mais generalizada«[...] quer seja para deixar as cepas isoladas [...] quer seja para as unir em cordões de

latada baixa [...]» (1875: 153). A plantação em valeira referida pelo Visconde de Vila Maior seria, certamente, realizada em contínuo nos terrenos, através de arado com tração animal. No entanto, nas zonas onde efectivamente eram plantadas as vinhas, dependendo dos terrenos, era normalmente necessária a adição de estrumes e, as próprias plantas. Nessas zonas seria natural que se realizasse mergulha, de forma a aumentar a produção.

A leitura dos textos sobre viticultura ao longo dos séculos permite apontar para a forte possibilidade das estruturas negativas, no caso em questão, se tratarem de covas para implantação de videiras, sobretudo se tivermos em conta outras intervenções onde este tipo de estruturas surgiram, de períodos anteriores, similares e posteriores (Monteil *et al*, 1999; Garcia *et al*, 2010 ou Rabasté *et al*, 2019) (Figura 6).

As primeiras edificações ocorreram durante a época Moderna (séculos XVI-XVIII). Construções que sugerem uma estratificação resultante dos diferentes usos e que se acredita serem coetâneos da exploração vitícola, nomeadamente, relacionadas com uma hipotética área de transformação de tipo lagar.

Primeiramente, escavado no solo geológico, um grande covacho de forma sub-quadrangular associado a um buraco de poste, cuja função não se compreendeu. Uma unidade estratigráfica parcialmente escavada, por se encontrar fora da área de afetação e sobre a qual foi construído um compartimento de grandes dimensões, que se estendia para além dos limites da parcela e cujo limite a Norte se encontra balizado pelo muro [711], o qual se relaciona com o muro [710], que por sua vez se articula com uma lareira de canto – [709], edificada em tijolo e pedra calcária (Figura 7). Uma grande divisão pavimentada – [706], na qual se visualizam alguns sulcos que sugerem a permanência de outros elementos, sobre os quais não foi possível entender a sua funcionalidade. Um espaço que poderá ter correspondido a um armazém, mas cuja articulação com a plantação se desconhece, por se encontrar cortado pelas construções do presente. Adossado a este espaço amplo, identificaram-se mais duas unidades estruturais – [733] e [733a], as quais formam dois compartimentos de funcionalidade desconhecida (Figura 7). Na sua proximidade, disposto a Norte e de relação direta à zona do plantio, um compartimento de planta retangular, com cerca de 3,60m de largura, desconhecendo-se a sua extensão total por este ter sido cortado por edificações do século XIX/XX. Dentro

deste compartimento encontrou-se três estruturas negativas: A, B e C – [607], de formato circular, com 70, 60 e 90 cm de diâmetro e uma altura conservada de, sensivelmente, 10 a 20 cm (Figura 8 e 9). Três estruturas, aquando da sua intervenção, representavam negativos muito fidedignos de elementos em materiais perecíveis, certamente madeira, dos quais ainda eram visíveis alguns escassos traços, dos quais foram recolhidas amostras.

As estruturas A, B e C são de interpretação complexa. A descoberta numa área onde está presente a prática da viticultura pode denunciar três possíveis casos: tratem-se de dornas, elementos similares a tinhas, em madeira, utilizados para transvasamento de mostos, limpezas ou outros trabalhos associados à produção vinícola. Podermos estar perante três elementos de tipo barril que, ao contrário da realidade vigente dos nossos dias, eram feitos com recurso a madeira e corda ou cordame, ao invés dos aros metálicos que se começam a generalizar em território nacional desde o século XIX; ou, finalmente, serem três elementos em madeira, de fundo circular e de funcionalidade variável.

No caso da estrutura C, onde é notória uma uniformidade da superfície das pranchas utilizadas, poderemos estar perante uma dorna. Um elemento funcional muito comum em adegas até ao século XX e de uma multitude de funções. Paralelamente, a sua dimensão, de 90 cm de circunferência, faz com que esta hipótese ganhe mais força, uma vez que um barril com esta circunferência seria massivo e dificilmente seria colocado nesta posição, apoiado diretamente sobre sedimentos. No caso das estruturas A e B, o facto de ser visível uma prancha sobressaída no plano horizontal do fundo das peças, pressupõe um reforço das estruturas dos barris, o que seria normal tendo em conta a morfologia que apontamos anteriormente, comum, desde a Antiguidade até, pelo menos, ao século XIX/XX (Pereira, 2021) e como pode ser observado na gravura representada na figura 10.

4. OS TRÊS BARRIS...

Este artigo constitui uma primeira abordagem a um sítio que permitiu fornecer uma grande quantidade de informação, muita da qual ainda em análise. Ao mesmo tempo, a parcela onde foi realizada a intervenção permitiu apenas observar uma pequena parte do que seria, certamente, uma área de plantação

de dimensões consideráveis. No entanto, algumas ilações, sobretudo sobre alguns dos dados aqui apresentados ainda carecem de estudos mais aprofundados, nomeadamente o espaço da plantação, pois espera-se que das análises aos sedimentos recolhidos das fossas seja possível identificar eventuais grainhas, assim como obter dados cronológicos que nos permitam entender qual o período cronológico em que estas estruturas se inserem em concreto.

Estratigraficamente sabemos que as terras que assentam sob o solo geológico e que preencheram as cavidades de plantação, não apresentaram violações por parte dos contextos mais recentes, tendo-se igualmente recolhido delas, materiais cerâmicos, infelizmente amorfos, não permitindo uma classificação tipológica coerente, mas que pelas características das suas pastas, se inserem nos contextos cerâmicos medievais. Também foi estratigraficamente notório, que esses níveis selaram as cavidades e ainda que se assuma a possibilidade do espaço de plantio ter vigorado até ao século XIX, as movimentações de terras suscitadas pela prática agrícola, não provocou revolvimentos nesses níveis, assim como as alterações com a construção do edifício no n.º 75, o qual assentou diretamente em parte das construções do século XVII/XVIII, manteve o seu logradouro como espaço de jardim/quintal até ao século XXI, pois o edificado do n.º 71 circunscreveu-se à área que se interpreta como sendo do armazém e não ocasionou qualquer tipo de alteração nas características das camadas identificadas.

Coloca-se igualmente a hipótese desses materiais cerâmicos não se encontrarem no seu contexto primário e que provenham de terras de estrumeira oriundas de outros locais. O que, na verdade, reforça a viabilidade de estarmos perante um vinhedo de época Moderna.

A possibilidade da plantação ser, originalmente, do período medieval não invalida a sua continuação ao longo do período moderno, pois nessa área, em termos estratigráficos, identificaram-se camadas antrópicas de lavradio, que se estenderam por todo o terreno, sem intrusões contemporâneas, denotando-se inclusive uma quase ausência de espólio arqueológico, nomeadamente do universo material de época moderna, o qual, refira-se, se verificou sobretudo nas imediações das construções assinaladas, tanto nas camadas antrópicas de condenação como nas designadas fossas detriticas.

A localização das três peças de madeira e sua proxi-

midade com o campo da vinha, sem qualquer tipo de barreira física, permite aferir a possibilidade do uso vinícola do terreno no período moderno e tendo em consideração as várias referências à produção de vinho ao longo do século XVII e XVIII, havendo ainda referências à sua existência no século XIX, acredita-se que o espaço foi campo de cultivo e plantação de vinha e que ambos os vestígios coexistiram. Paralelamente, tendo em conta que o espaçamento entre as fileiras de vinhas teria que ser sempre superior a 1,5m, de forma a permitir os trabalhos de vitivinicultura e apesar desta equidistância não se verificar em toda a extensão do vinhedo, se tivermos em conta somente uma das tipologias, as mais alongadas, esse espaçamento, existe. Evidência que entra em desalinho com as outras cavidades de menor dimensão, as quais, conjuntamente com outras, nos permite assinalar três momentos de plantação em toda a área, havendo inclusive algumas sobreposições, cortes parciais e ligeiras divergências quanto à orientação e forma. Realidade certamente relacionável com as técnicas de plantação, sendo as mais pequenas inseridas nas tipologias assinaladas por Rabasté (2019) e por isso, cronologicamente atribuíveis ao período medieval. Uma tipologia já identificada em outros locais da cidade, nomeadamente em parcelas posicionadas na sua proximidade (Temudo; Canha, 2021) e nos terrenos da Agra do Castro (Aradas, Aveiro) (Baptista *et al*, 2021).

As fossas mais alongadas poderão ser coetâneas do período Moderno e talvez o vestígio arqueológico da plantação em valeira, facilitando assim o cultivo da vinha baixa. Uma tipologia visível a partir da margem esquerda do rio Vouga e que se prolongava até às terras da Bairrada (Ribeiro, 1987:145). Muito próximo de Aveiro, nas vilas de Esgueira e Estarreja, as Memórias Paroquiais da segunda metade do século XVIII referem a existência de “parreirais de pilares”, “varas para ramadas” e “madeira para parreirais” (Amorim, 1996:214). Situação que se acredita corresponder aos vestígios encontrados e não à vinha de enforcado, pois esta última teria de ser empregue em zonas abrigadas do vento, assim como teria de se ancorar em árvores, as quais teriam de se posicionar nas extremidades do campo. Aliás refira-se que no presente, nos locais onde ainda se encontram vinhas, é comum vermos vinha em latada, as quais delimitam os terrenos. Uma realidade que sabemos que acontecia no passado, permitindo, tal

como hoje, o cultivo de outras espécies, nomeadamente dos cereais, milho, hortícolas, etc.

Contíguo ao vinhedo, a presença de um compartimento contendo no seu interior três negativos de três vasilhames cuja função apenas conseguimos supor, reforça a continuidade do campo vinícola até ao período moderno. Um espaço estratigraficamente condenado por depósitos antrópicos contemporâneos, correlacionados com as edificações em adobe realizadas no século XIX/XX. Uma divisão que suporta ser um dos espaços integrantes da adega e naturalmente, próxima do campo.

As dimensões das peças em madeira, das quais apenas sobreviveram até nós os testemunhos em argila, fornecem dados importantes para as dimensões de barris e, potencialmente, tinas, durante a Idade Média no território nacional, um tema que, de resto, continua por explorar, ainda que, no panorama europeu, já tenha começado a ser abordado (Marlière, 2002, *op cit in* Pereira, 2017).

Pouco podemos elaborar sobre o espaço onde as três peças de madeira estariam: para além de apenas uma pequena fracção deste espaço ter sobrevivido na área intervencionada, os barris não estariam, certamente, em posição de utilização normal, deitados, sendo mais provável estarmos perante peças que simplesmente estavam a aguardar o seu transporte para a área de vinificação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica na rua do Gravito permitiu documentar práticas vitivinícolas do período Moderno, atestadas pelos vestígios arqueológicos das estruturas A, B e C, as quais, pelas características, corresponderão a tinas/dornas e/ou barris, encontradas dentro de um compartimento que poderá corresponder a um dos espaços da adega. Elementos que se correlacionam com uma extensa área de cultivo onde se identificou várias fossas de plantação, cuja tipologia sugere a existência de vinha. Cavidades escavadas no solo geológico, de formato oblongo ou retangular, com várias dimensões e com uma orientação O-E. Uma organização que se coaduna com a plantação representada no mapa do século XVIII (Figura 3).

A tipologia das cavidades coloca algumas questões, nomeadamente o facto de nas camadas antrópicas que as preencheram ter-se recolhido materiais cerâ-

micos medievais, colocando por isso a hipótese de estarmos perante uma plantação com origem medieval, conforme mencionam as fontes documentais. No entanto, atendendo às sobreposições, cortes parciais e ligeiras divergências quanto à orientação e forma, acreditamos que se estará perante vários momentos de plantação, correspondendo às formas mais alongadas ao período moderno. Uma interpretação baseada nos testemunhos arqueológicos que se conhecem para a época medieval.

Apesar das dúvidas acerca de alguns dos contextos arqueológicos, acreditamos que estes novos dados são relevantes para os estudos sobre a vitivinicultura na época moderna e em particular, para o estudo deste tipo de produção na cidade de Aveiro. Um consumível que sabemos ter sido relevante na economia local.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Inês (1996) – *Aveiro e sua provedoria no séc. XVIII (1690-1814): estudo económico de um espaço histórico*, vol. I e II, Porto: Faculdade de Letras do Porto.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (2015) – *Aveiro: aspectos geográficos e do Desenvolvimento Urbano*, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- BAPTISTA, Lídia; FERREIRA, Carlos; COUTO, Marcos (2021) – Agra do Crasto (Aradas, Aveiro): notas preliminares sobre os dados da intervenção arqueológica In *XV Jornadas de História Local e Património Documental – Actas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. No prelo.
- BARREIRA, Manuel (1996) – O largo do Cojo, Azenhas e Ihote. In *Boletim Municipal de Aveiro*, n.º 27, Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- CURADO, Maria (2019) – *Evolução Urbana de Aveiro: espaços e bairros com origem entre os séculos XV e XIX*, Aveiro: Sana.
- GARCIA, Jean-Pierre, CHEVRIER, Sébastien, DUFRAISSE, Alexa, FOUCHER, Marion e STEINMANN, Ronan (2010) – Le vignoble gallo-romain de Gevrey-Chambertin « Au-dessus-de Bergis », Côte-d'Or (I^{er}-II^e s. ap. J.-C.) : modes de plantation et de conduite de vignes antiques en Bourgogne. In *Revue archéologique de l'Est*, Tome 59-2 | 2010, mis en ligne le 10 octobre 2011, consulté le 18 juin 2023. URL : <http://journals.openedition.org/rae/6289>.
- MADAHIL, A. Rocha (1959) – *Milenário de Aveiro: Colectânea de Documentos Históricos, Tomo I (959- 1516) e II*, Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- MADAHIL, A. Rocha (1935) – Dorais do Distrito de Aveiro: O Foral de Aveiro., In *Revista do Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 1, vol. I, Aveiro, pp. 69-72.
- MADAHIL, A. Rocha (1937) – Informações paroquiais do distrito de Aveiro de 1721., In *Revista do Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 9, Vol. III, Aveiro, pp. 29-46.
- MADAHIL, A. Rocha (1938) – Forais do Distrito de Aveiro: O Foral de Ílhavo. In *Revista do Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 15, vol. IV, Aveiro, pp. 179-199.
- MONTEIL, Martial, BARBERAN, Sébastien, PISKORZ, Michel, VIDAL, Laurent, BEL, Valérie e SAUVAGE, Laurent (1999) – Culture de la vigne et traces de plantation des II^e-I^{er} s. av. J.-C. dans la proche campagne de Nîmes (Gard). In *Revue archéologique de Narbonnaise*, tome 32. pp. 67-123; doi : <https://doi.org/10.3406/ran>.
- PEREIRA, Pedro (2017) – *O vinho na Lusitânia*. Porto: Ed. Afrontamento/CITCEM.
- PEREIRA, Pedro (2021) – Não só da madeira se fez vinho: O Douro e Trás-os-Montes na Antiguidade Clássica. In *Actas do II Colóquio Viário do Marão, povoamento e vias de comunicação ao longo da História. Vila Real: Biblioteca Municipal de Vila Real*. pp. 45-56.
- RABASTÉ, Yoann, MARCHAISSEAU, Vincent e PICHARD, Claire (colab. BUNDGEN, Sidonie) (2019) – Des traces archéologiques témoins de l'implantation d'un vignoble sur le finage de Cernay-lès-Reims et Saint-Léonard au Moyen Âge. In *Crescentis - Revue Internationale de l'Histoire de la Vigne et du Vin*. pp. 23-40.
- RIBEIRO, Orlando (1987) – *Portugal, o Mediterraneo e o Atlântico*, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos (1963) – *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Lunda : Companhia de Diamantes de Angola.
- Serre, 1600: SERRE, Olivier de (1600) – *Le théâtre d'agriculture et ménagé des champs*. Paris: Jamet-Métayer.
- SILVA, Maria J. Violante (1997) – *Aveiro Medieval*; Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- TEMUDO, Suana; CANHA, Alexandre (2021) - O período medieval aveirense: breves testemunhos arqueológicos. In *XV Jornadas de História Local e Património Documental, Actas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. No prelo.
- VILLAMAIOR, Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1875) – *Manual de Viticultura Prática*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- VIZETELLY, Henry (1880) – *Facts about Port and Madeira with notices of the wines vintaged around Lisbon and the wines of Tenerife*. London: Ward, Lock and Co.



Figura 1 – Localização da área de intervenção na cartografia da cidade. Fonte: CMA, SIG.

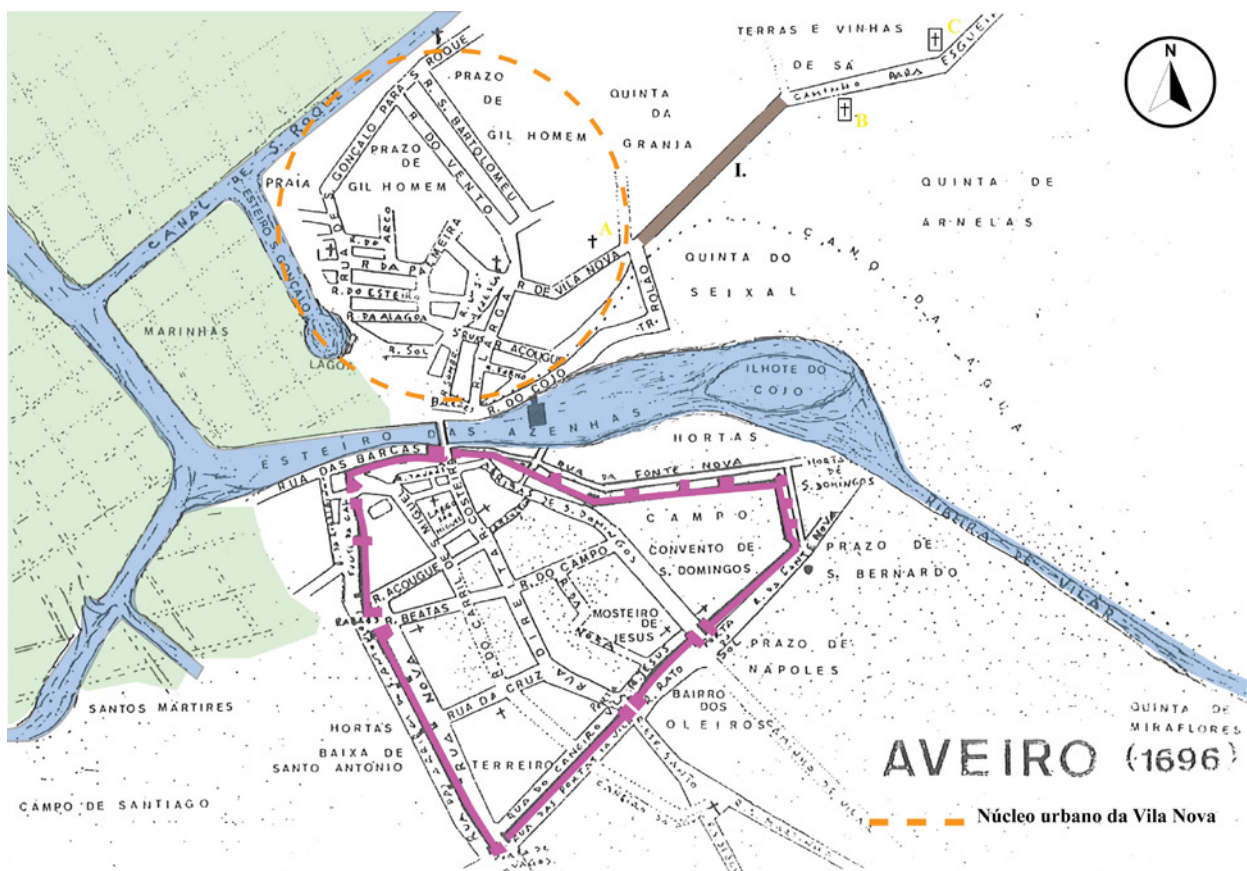


Figura 2 – Vila Nova, o caminho de Sá e conventos. A – Igreja de Vera Cruz, B – Convento do Carmo, C – Convento de Sá; I – Rua de Sá. Fonte: Barreira, 1996.

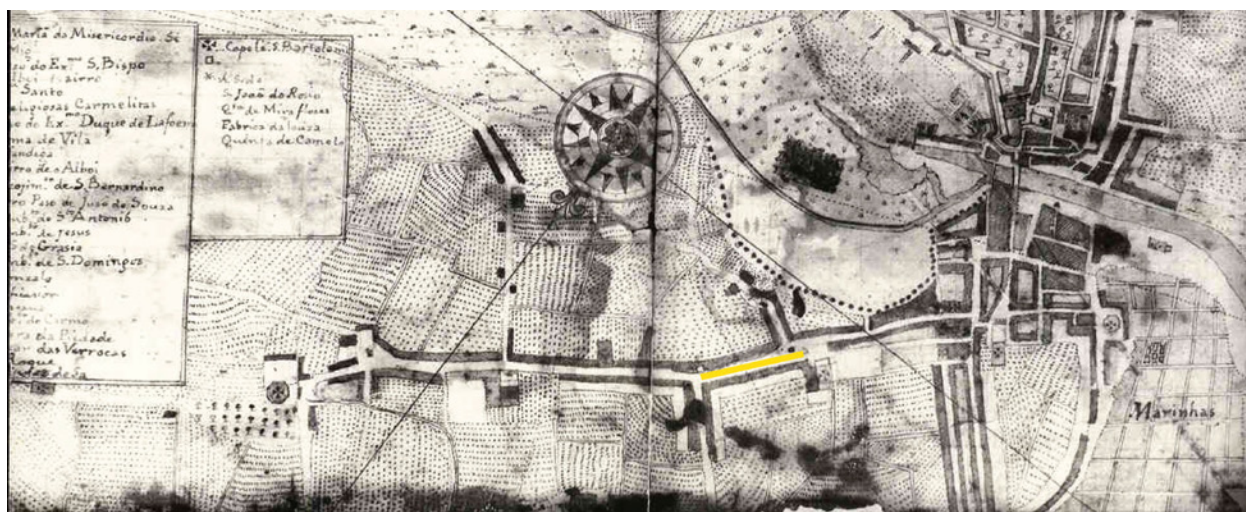


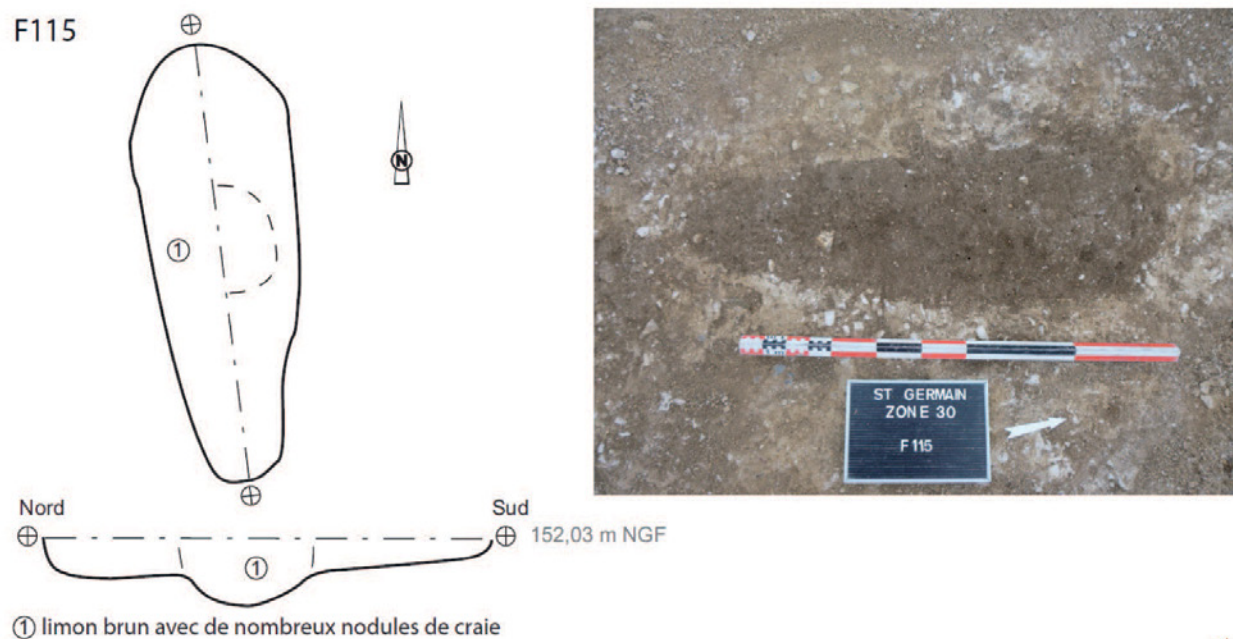
Figura 3 – Rua do Gravito. Excerto da Planta da Vila de Aveiro (finais do séc. XVIII). Anónimo. Fonte: Fundo Fernando de Moraes Sarmiento.



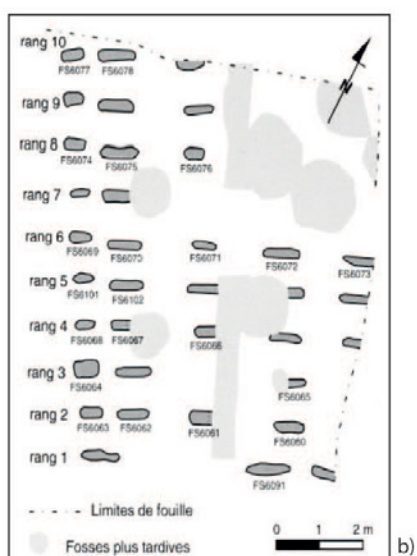
Figura 4 – Cavidades de plantação.



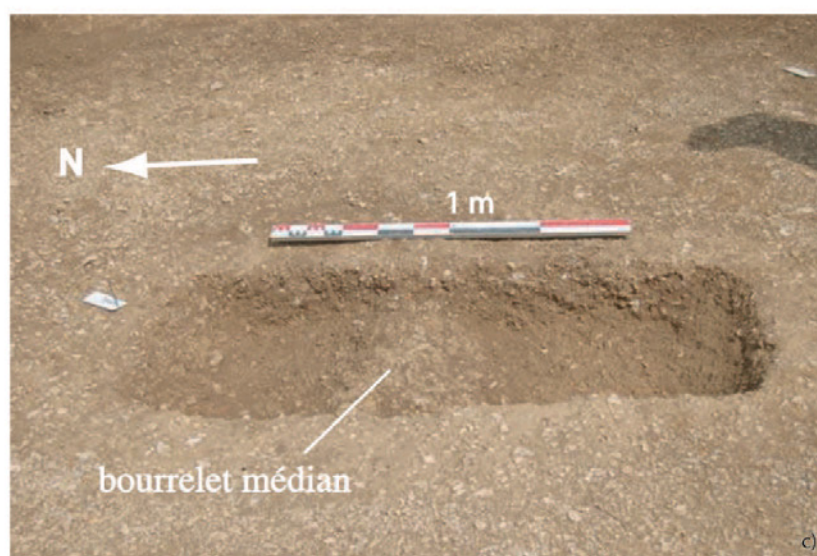
Figura 5 – Ortofotografia: plano geral da 2ª fase de escavação das cavidades de plantação.



a)



b)



c)

Figura 6 – Três exemplos de fossas de plantação de videiras em França: a) Rabasté, 2019: 32; b) Monteil *et al*, 1999: 89; c) Garcia *et al*, 2010: 516.

Figura 7 – Edificações da época Moderna e o campo de cultivo.

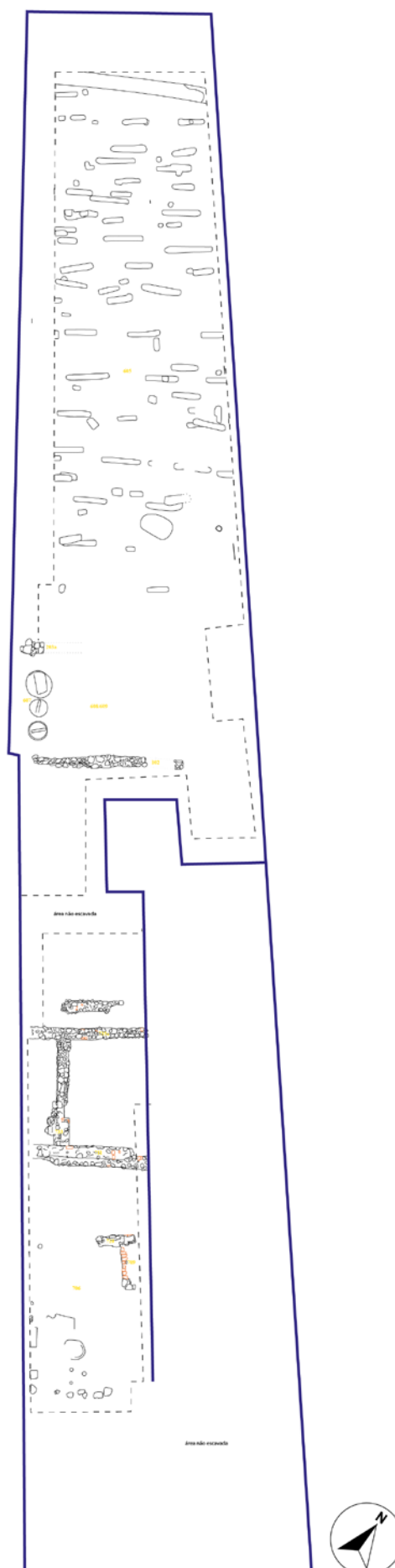




Figura 8 – Plano, ortofotografia e corte das Estruturas A, B e C ([607]).



Figura 9 – Estruturas A, B, C e pormenor do alçado da estrutura A.

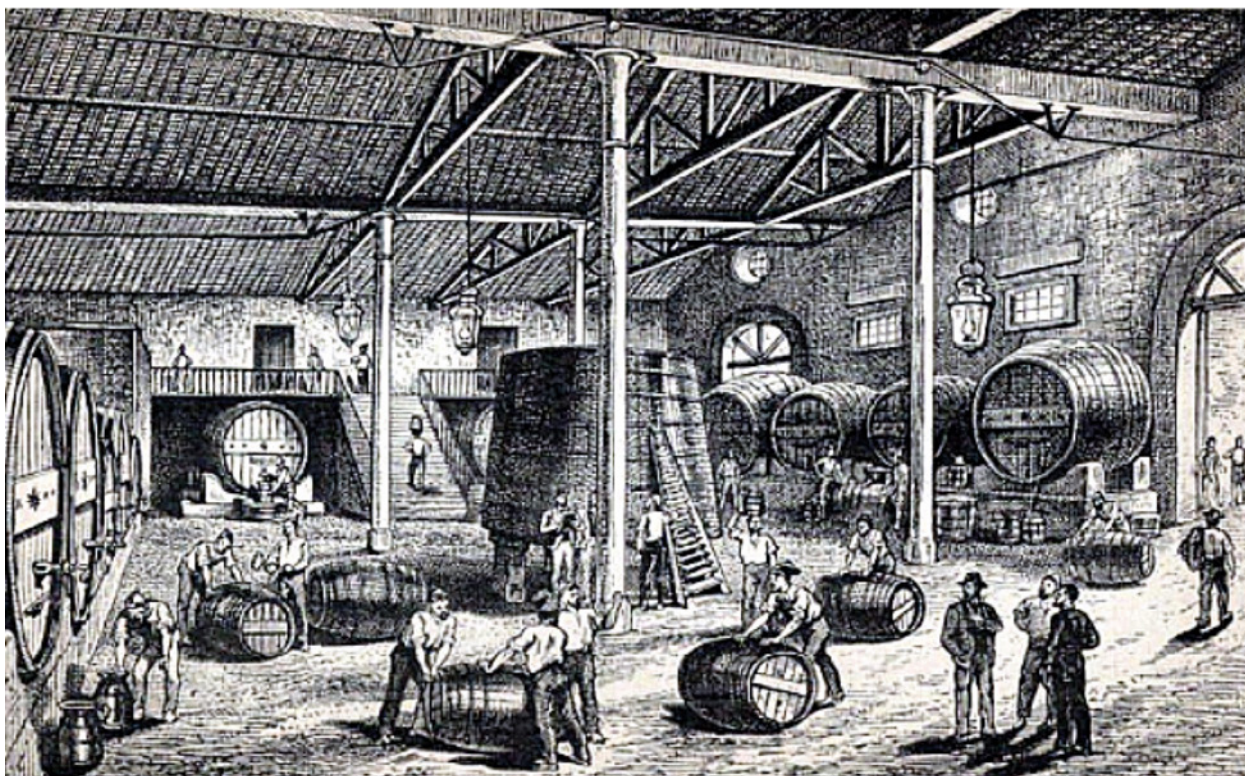


Figura 10 – “Senhor Arnaldo Souza’s Adegas at Celleirós in the Alto Douro”. Fonte: Viztelly, 1880: 66.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UCC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**